

José Tavares de Barros

“Antes de tudo, um mestre!”

Barros começou a trabalhar na UFMG, em 1964, no Departamento Cultural da Reitoria, assessorando o professor Aluísio Pimenta, o reitor da época. Depois, foi para o Departamento Cultural da Escola de Belas-Artes e assumiu, em seguida, a diretoria do Centro Audiovisual. Foi responsável pelo Serviço de Audiovisual do Colégio Universitário, onde fez uma série de documentários sobre a Universidade. Participou desde o início da criação do Festival de Inverno da UFMG, em 1967. Criou o Departamento de Fotografia e Cinema da EBA, onde tentou implantar a habilitação em cinema. Conheci o Barros em 1964, numa das mostras que coordenava no auditório da Reitoria. Ele explicava de uma forma tão simples, tão pedagógica que era fácil passar a gostar daqueles dois tipos de cinema: o neo-realismo e o cinema de animação. Não era mais a decupagem clássica americana, nem o desenho animado, a Disney, mas uma proposta diferenciada. De aficionado em cinema, passei a me preocupar com outros detalhes, com o social, com o humanismo, valores caros ao Barros. Quando fui estudar na Escola Superior de Cinema, da Universidade Católica de Minas Gerais, Barros dava a disciplina Teoria do Cinema, para a turma do terceiro ano. Não fui seu aluno. Ele parecia ser uma pessoa reservada, que mantinha uma certa distância das pessoas que ainda não conhecia. Em 1969, quando foi fundada a Cooperativa dos Profissionais de Cinema de Belo Horizonte (IMAGEM) é que comecei a ter uma maior aproximação com ele. Era ainda uma relação difícil. O primeiro trabalho da cooperativa foi o documentário Anjo Torto, abordando a obra poética de Carlos Drummond de Andrade, que eu dirigi e o Barros fez a montagem. Foi o primeiro filme a ser editado na moviola (mesa de edição de cinema) que o Barros havia importado da Itália para o Departamento de Fotografia e Cinema. A Escola de Belas-Artes passou a ter uma ferramenta fundamental na produção de filme naquele momento. Nossa relação de amizade começou ali, com mais de 30 curtas-metragens - tivemos embates e discussões acaloradas sobre que caminhos deveríamos dar ao Anjo Torto. Eu seguia a linha pudokviana que acreditava que o filme deveria ser concebido de uma forma orgânica: roteiro, direção e montagem, era uma peça única, e o filme já chegava pronto na mesa de montagem. Barros discordava, dizendo que assim o editor não teria função, seria um mero operador de máquina. No final, sempre chegávamos a um acordo. O filme seguinte foi Uma Cooperativa Habitacional, encomendado pelo INOCOOP Centrab, para explicar como funcionava o sistema do BNH. De novo eu era o diretor e o Barros, editor. Nesse período, o Tarcísio Vidigal e eu resolvemos produzir um filme de ficção, a partir de uma idéia de uma aluna da Escola de Cinema, Maria Stella Nunes Mendes, o conto Causa Secreta, de Machado de Assis. Sabíamos que o Barros havia comprado umas

latas de filme 35mm colorido, fomos, então, a sua casa, ele ainda morava na rua Dona Cecília e na época havia nascido os gêmeos, Elisa e Lucas, que choravam sem parar. Barros emprestou os filmes e de novo fez a montagem do filme. Anjo Torto e Causa Secreta foram os precursores da empresa de cinema que fundamos em 1972 - o Grupo Novo de Cinema. Em 1975, Barros entrou também para a sociedade. Ainda em 1975, com produção da EMBRAFILME, Barros dirigiu o documentário Cerâmica do Vale do Jequitinhonha, com a participação de alunos de cinema da Belas-Artes e da comunicação da FAFICH. Fui assistente de direção e de montagem. O filme ganhou o prêmio de melhor filme e melhor fotografia no Festival de Brasília de 1975. Em 1975 o professor Evandro Lemos da Cunha e eu entramos para o Centro Audiovisual a convite dele. De lá fomos para o Departamento de Fotografia e Cinema. A convivência passou a ser maior ainda. Agora fazíamos parte de uma equipe - os projetos começaram a aparecer e eram sempre trabalhados em conjunto. Em 1975, Barros foi eleito presidente do Centro de Pesquisadores do Cinema Brasileiro. Foi a partir da conscientização feita por Barros, da necessidade de preservar a memória do cinema brasileiro, que comecei a trabalhar com os filmes de 16mm produzidos em Belo Horizonte, na década de 60. Discutíamos exaustivamente as questões relacionadas às temáticas mineiras, à forma alegórica dos filmes em decorrência da ditadura, à importância da Escola Superior de Cinema, à influência do cineclubismo na gênese dos filmes mineiros, ao papel desempenhado pela Igreja na formulação de um ideário católico, visando a formação de um cineasta comprometido com um tipo de filme que privilegiasse o humanismo. Barros é antes de tudo um Mestre, no sentido original da palavra. Ensina sem impor, transmite confiança, delega poderes e, sobretudo, acredita nas pessoas. Devo a ele a minha formação cinematográfica sistematizada e organizada e uma das minhas preocupações atuais, a memória, tanto cinematográfica como familiar, herdei dele. Apesar de já aposentado na UFMG, continua seu trabalho de mestre, de divulgador do cinema brasileiro, agora pelo mundo afora.



José Américo Ribeiro
Professor aposentado